

Túlio Espanca, autodidacta e historiador de Évora, ao PÚBLICO

‘O Governo tem que vigiar as fronteiras depois de 1993’



Túlio Espanca: “O historiador de Évora, eu? É uma lisonja, de certo modo ilusória”

de Marcial Rodrigues

Há um ano, Túlio Espanca foi doutorado “honoris causa” pela Universidade de Évora, última distinção de um autodidacta que trilhó, como muito poucos, os caminhos rudes e imprevisíveis da História local. Pretexto para uma entrevista com este grande conversador e para esboçar o percurso de um homem que, vivendo na História, não se esconde do presente: de Vila Viçosa a Évora, da prima e madrinha Florbela Espanca à abertura das fronteiras em 1993, de tudo falou Túlio Espanca.

Túlio Espanca nasceu em Vila Viçosa no ano de 1913. Com sete anos de idade, radicou-se em Évora, cedo começando a trabalhar. Fez a escola primária, não

podendo frequentar o liceu: “No meu tempo, havia o Primário e o Secundário, com uma certa limitação para famílias modestas, como era o caso. Éramos seis filhos, não havia hipótese de estudarmos a não ser a instrução primária, que todos tirámos”.

Ainda há lugar para autodidactas, como Túlio Espanca? “Em menor número, porque há muito maior facilidade de acesso a escolas”, diz, sentindo-se, em parte, um homem de outro tempo, no que respeita ao trabalho de historiador. Hoje existe “um ensino especializado sobre temáticas variadíssimas”, que não eram comuns no período em que esteve na escola. E não esquece que foram os seus professores quem, em parte, contribuiu para a sua vontade de estudar.

A madrinha Florbela

Primo e afilhado da poetisa Florbela Espanca, terá ela exercido influência sobre a personalidade do jovem Túlio? “Sim, profunda. Porque a Florbela vinha com muita frequência a Évora, porque o pai, João Maria Espanca, que era antiquário, fotógrafo e pintor amador, tinha casa nesta

cidade para tratar dos seus negócios e dos seus interesses culturais — apreciava muito a música e foi presidente de uma Filarmónica em Vila Viçosa — e para alojamento do seus dois filhos, a poetisa Florbela e o malgrado aviador Apeles Espanca, jovens estudantes em Évora”.

As recordações prosseguem: “Eu, como afilhado de Florbela, passei a frequentar a casa do tio* isto depois do seu curso e dos seus casamentos, porque o afecto de Florbela por mim era intenso: era minha madrinha de baptismo. Nos últimos anos da poetisa, essa assiduidade foi maior, porque, tendo eu já conhecimentos de literatura, lera várias vezes a sua obra e porque na casa dela se reuniam, com alguma frequência, personagens de cultura local, alguns professores e, principalmente, o grande pensador Raul Proença.

Proença foi aliás crítico de algumas partes da obra da artista — e como poeta também se atreveu a sugerir-lhe modificações na sua poesia. Recordo-me até de, numa dessas reuniões, ter ouvido da boca de Florbela os sonetos ‘Évora’ e ‘À Janela de Garcia de Resende’”.

Túlio Espanca tinha, na

altura, cerca de 15 anos de idade. E adianta outro pormenor: “Curiosamente, foi João Maria Espanca quem escolheu também os padrinhos dos meus irmãos. Sendo homem de amor às letras e às artes, deu-nos nomes que evocam a literatura clássica greco-romana e a música: Demóstenes, Apeles, Sócrates, Natal e Túlio. Este, o meu nome, acrescido, por vontade de Florbela, do sobrenome de Alberto, nome do então namorado Alberto Moutinho, seu primeiro marido, cujo casamento decorreu precisamente no ano do meu nascimento”.

Aprendizagem permanente

Em 1940, Túlio Alberto Espanca entrou para a secção de cultura e turismo da Comissão Municipal de Turismo da Câmara Municipal de Évora. O gabinete deste auto-didacta tornou-se um local de frequência obrigatória para quem se dedicava à História de Évora. Célebres se tornaram também as suas visitas guiadas aos mais diversos locais da cidade e do distrito, onde, desde 1964 e até há bem pouco tempo,

deu a conhecer a variadíssimos públicos não só os múltiplos aspectos das obras de arte e da arquitectura aí existentes, mas também as muitas pequenas estórias a que estão ligadas.

Entretanto, aprofundara os seus conhecimentos com a frequência do Museu e da Biblioteca de Évora: “Tive o privilégio de ser muito amigo dos directores desses estabelecimentos de cultura”, diz, recordando Mário Chicó, Luis Silveira e Armando Gusmão, que lhe proporcionaram contactos com outros investigadores, historiadores, críticos, escritores. “O que foi preponderante na minha formação estética, crítica e analítica”, acrescenta.

Mas não deixa de estabelecer diferenças entre a situação da Cultura em Portugal de antes e de depois de 25 de Abril de 1974: “Constato que, depois dessa data, as publicações têm-se multiplicado. Dou o meu caso como exemplo: tendo eu já montado o texto original do primeiro volume do

‘Inventário Artístico do Distrito de Beja’, -confrontei-me com múltiplas publicações, com estudos verdadeiramente originais, que terei, em aditamentos, que integrar, com respectiva vénia aos autores. Muitos dos concelhos desse distrito não tinham quaisquer monografias ou outros trabalhos de história local editados antes de 1974”.

Saudades das tertúlias

Saudoso dos ambientes de tertúlia que marcaram durante décadas e décadas a vida cultural portuguesa, lamenta que numa cidade como Évora, “com vários professores de História de Arte, quer na Universidade, quer noutras escolas; com uma associação cultural que é o Grupo Pró-Évora, com instalações capazes de proporcionarem uma reunião de homens com capacidade intelectual para produzirem, regularmente obras sobre Évora; e com o boletim “A Cidade de Évora”, em

publicação desde 1942”, não surjam mais publicações sobre a sua história.

Túlio Espanca, “O Historiador de Évora”? Não se considera assim e diz que “é uma lisonja, de certo modo ilusória. Houve muitos dos historiadores que trataram da história de Évora, quer no passado recente, quer no passado remoto”. E cita os cronistas da Companhia de Jesus, especialmente o padre Manuel Fialho, e André e Garcia de Resende; e, deste século, António Francisco Barata, Augusto Filipe Simões, Cunha Rivera, Gabriel Pereira e Celestino David, “que se reportaram quase estruturalmente apenas ao estudo histórico ou poético e não artístico dos monumentos de Évora e da região”, sendo mérito seu o dedicar-se mais a este último aspecto.

“A habitual falta de verbas”

O estado actual do património artístico e histórico de Portugal, “sob alçada dos Monumentos Nacionais e do

IPPC, entidades idóneas”, merece-lhe reparos: “A habitual falta de verba para dotação da conservação dos inúmeros monumentos nacionais, espalhados por todo o país, que se encontram degradados, tem contribuído — não direi por negligência, mas, por vezes, por falta de interesse das esferas superiores que superintendem à sua conservação — para a deficiente manutenção do seu estado.

O concelho de Évora tem exemplos evidentes desse desinteresse, referindo “os flagrantes casos de ruína em que se encontram edifícios que, pela sua importância arquitectónica ou estética, mereciam melhor atenção”: o Solar da Sempre Noiva, santa Clara do Aivado, a Igreja de S. Jordão, a fonte da Quinta do Mestre André de Resende, na Quinta do Arcediago, ou as pinturas murais quinhentistas do claustro da Casa de Vasco da Gama e da abóbada da Igreja do Espírito Santo, estes últimos na cidade de Évora.

Outra situação que

considera é a de abertura das fronteiras em 1993: “O Governo tem que estudar com muito cuidado a vigilância das fronteiras. Preocupa-me a liberdade de passagem de pessoas interessadas em objectos de arte antiga, pois já na actualidade a fuga dessas peças tem sido gravosa e numerosa, como é do conhecimento público. Temo muito pela integridade do nosso património histórico e artístico, nomeadamente das pequenas peças, como a escultura, a ourivesaria, as edições raras de livros”.

A conversa chega ao fim. Não porque Túlio Espanca nada mais tenha para dizer, mas porque a idade não perdoa e a saúde não tem sido boa nestes últimos anos. Mas o olhar que procura no passado a história da região pouca também em pequenos episódios, como o da chegada da menina Amália Pires, futura mãe do escultor João e do embaixador José, ambos Cutileiro, à sua escola primária, a de S. Mamede, em Évora, descendo do trem que a transportara: - “Parecia uma fada!” .

Historiador de Évora

A PRIMEIRA publicação de um estudo histórico de Túlio Espanca ocorreu em 1939, no jornal “O Arraiolense”, com uma memória sobre Vila Viçosa, sua terra natal. Da sua vasta obra, destacam-se os estudos “As Pinturas da Catedral de Évora em 1537 e o Retábulo da Capela do Esporão” (1944); “Guia de Évora” (1949); “Arrolamento das Freguesias do Concelho de Évora” (1957); “Herculano e o Panorama da sua Época na Cidade de Évora” (1960); “Subsídios para a História da Justiça em Évora” (1963); “O Parque Infantil Dr. Almeida Margiochi” (1964); “Inventário Artístico de Portugal — VII — Concelho de Évora” (1966); “Terras do Distrito de Évora” (1969); “Paço Real de Évora” (1973); “Inventário Artístico de Portugal — VIII — Distrito de Évora — Concelhos de Arraiolos, Estremoz, Montemor-o-Novo, Mora e Vendas Novas” (1975); “Inventário Artístico de Portugal — IX — Distrito de Évora — Concelhos de Alandroal, Borba, Mourão, Portel, Redondo,

Reguengos de Monsaraz, Viana do Alentejo e Vila Viçosa (1978); “Oficinas e Ciclos de Pintura em Évora no Século XVI” (1979); “Évora — Arte e História” (1980); “Encontros com a Cidade” (1988).

Actualmente, o principal trabalho que tem em mãos é a publicação do primeiros dos dois volumes do “Inventário Artístico de Portugal — Distrito de Beja”, para a qual foi, finalmente, concedida verba à Academia Nacional de Belas Artes.

Editor, desde a primeira hora, do boletim “A Cidade de Évora” — actualmente no número 70 e de que está a ser preparada uma edição especial comemorativa das bodas de ouro em 1992 —, é nesta publicação e nos “Cadernos de História e Arte Eborense”, num total de 36, que encontramos a maior parte da sua obra. Assinou também artigos importantes nos “Tesouros Artísticos de Portugal”, na “Enciclopédia Verbo” e na revista “Colóquio”, entre outras publicações,

nomeadamente na imprensa regional eborense. Entre 1954 e 1973, organizou diversas exposições de história da arte no Palácio de D. Manuel, em Évora, de que se publicaram catálogos ilustrados.

Em 1953, foi bolseiro do Instituto de Alta Cultura em França e em Itália; desde 1959, é membro da Academia Nacional de Belas-Artes, e seu Académico Honorário desde 1982; em 1976, entrou na Academia Portuguesa de História; em 1981, a Fundação F.V.S., de Hamburgo, atribuiu-lhe o Prémio Europeu para a Conservação de Monumentos Históricos; em 1982, a Câmara Municipal de Évora distinguiu-o com a Medalha de Ouro da Cidade; nesse mesmo ano, foi agraciado com a Comenda de Santiago da Espada pelo Presidente da República; em 1991, foi doutorado “honoris causa” pela Universidade de Évora.» M.R.